

Porto Caiuá

e as vozes do passado



As pesquisas arqueológicas
em um distrito de Naviraí (MS)



PREFEITURA
MUNICIPAL
DE NAVIRAÍ



Universidade
Federal
da Grande
Dourados



Laboratório de
Arqueologia
UFGD

Rodrigo Simas Aguiar. Porto Caiuá e as vozes do passado. Dourados: Laboratório de Arqueologia, 2023.

Texto, fotos, arte e diagramação: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar.
Fotos drone: Ângelo Franco do Nascimento Ribeiro.

© Todos os direitos reservados.

**Material Grátis de Divulgação Científica.
Proibida qualquer forma de comercialização.**

Projeto: “Arqueologia de Porto Caiuá: delimitação, prospecção intrusiva e processamento dos remanescentes arqueológicos do sítio Rio Ivinhema 1, Naviraí – MS”

Coordenador: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

Geoprocessamento: Angelo Nascimento Ribeiro

Equipe de Campo: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar, João Carlos de Souza, Angelo Franco Nascimento Ribeiro, Edith Palacio, Luis Fernando de Almeida Silva, Danielly Fernanda dos Santos Azevedo, Lucas Matheus Moreira Monteiro, Adriane Maria de Oliveira Queiroz, Jhenifer Fernanda Pereira de Gois, Claudia Renata Faleiro, Ingrid Carolina Alves Tavares, Edvin Cordoba Melo, Ana Flávia Rodrigues de Oliveira, Débora Korine Regonato, Cristiane Aparecida Raineri.

Equipe de laboratório: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar, Angelo Franco Nascimento Ribeiro, Edith Palacio, Ana Carolina Silva Moreno, Felipe de Matos Ribeiro, Luis Fernando de Almeida Silva, Danielly Fernanda dos Santos Azevedo, Lucas Matheus Moreira Monteiro, Adriane Maria de Oliveira Queiroz, Jhenifer Fernanda Pereira de Gois, Débora Korine Regonato, Cristiane Aparecida Raineri Oliveira.

Equipe de Educação Patrimonial: João Carlos de Souza, Rodrigo Luiz Simas de Aguiar, Cristiane Aparecida Raineri Oliveira, Ana Carla de Oliveira, Heloisa Faria da Silva Ribeiro.

Colaboradores externos: Adriano Chaves de França, Rodrigo Zanin.

Índice

Agradecimentos

Apresentação

Introdução

A Arqueologia

Quem foram os habitantes do sítio Rio Ivinhema 1 em Porto Caiuá?

As vozes do passado que ecoam no presente

Algumas referências



Agradecimentos

À Prefeitura Municipal de Naviraí, que financiou a maior parte dos custos da pesquisa. À Universidade Federal da Grande Dourados que forneceu toda a infraestrutura e ao Laboratório de Arqueologia que custeou a datação radiocarbônica. Ao casal David dos Anjos e Guilhermina Brites dos Anjos, proprietários da terra onde o sítio Rio Ivinhema 1 está inserido e que gentilmente permitiram a realização dos trabalhos arqueológicos. Às equipes da Pró-Reitoria de Administração e da FUNAEPE pela agilidade na gestão do projeto. E a todos os acadêmicos, acadêmicas, pesquisadoras e pesquisadores envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa.



Apresentação

Em Outubro de 2019, uma equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados desenvolveu uma pesquisa no sítio arqueológico Rio Ivinhema 1, situado em Porto Caiuá, um distrito pertencente à cidade de Naviraí, no Estado de Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi financiada pela Prefeitura Municipal de Naviraí, por meio do projeto “Arqueologia de Porto Caiuá: delimitação, prospecção intrusiva e processamento dos remanescentes arqueológicos do sítio Rio Ivinhema 1, Naviraí – MS”, que também contou com o apoio da Universidade Federal da Grande Dourados. Apesar de o sítio já ter sido significativamente impactado pela ação humana contemporânea, a escavação trouxe resultados surpreendentes.

Após as pesquisas de campo, deu-se início aos trabalhos de laboratório, que foram significativamente afetados pela pandemia de Covid 19. Ainda assim, foi possível tecer considerações importantes sobre a ocupação humana estudada e os resultados foram publicados em uma artigo na Revista Indiana, do Instituto Iberoamericano em Berlin (Alemanha), com o título: “A escavação do sítio arqueológico Rio Ivinhema 1 e sua contribuição para o estudo da tradição tupiguarani em Mato Grosso do Sul, Brasil” (Indiana, volume 38, número 1 de 2021). Mas os trabalhos de processamento em laboratório atrasaram e foram concluídos apenas em 2022. Hoje, os remanescentes arqueológicos estão depositados na Reserva Técnica do Laboratório de Arqueologia e ainda serão estudados em dissertações de mestrado e teses de doutorado por, pelo menos, mais uma década. Isso nos diz muito sobre a complexidade dos trabalhos arqueológicos, que demandam tempo e paciência até que resultados definitivos apareçam.

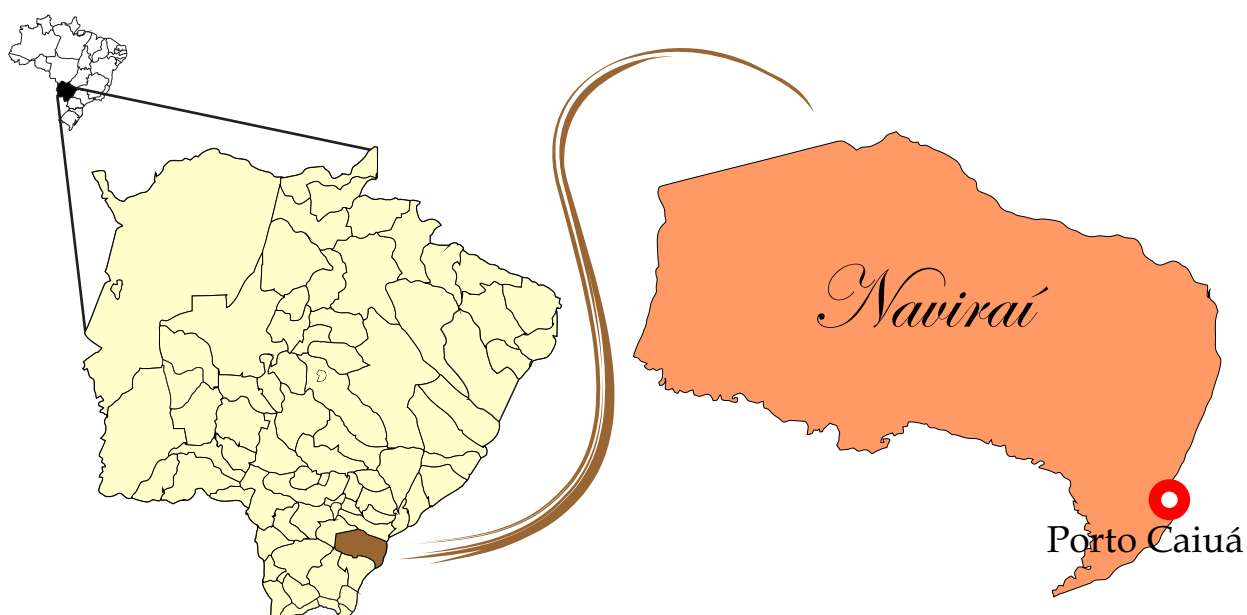
Aqui, trarei ao grande público um pouco da história desta pesquisa arqueológica, viabilizando a todos os interessados os resultados obtidos. Este material pode também ser usado como instrumento didático, a ser aproveitado nas escolas, permitindo que crianças e jovens conheçam um pouco sobre a arqueologia de Porto Caiuá.

Introdução

Porto Caiuá é um distrito de Naviraí, cidade sul-matogrossense de 53 mil habitantes. Situado às margens do Rio Paraná, o distrito abriga uma comunidade de pescadores tradicionais que estabeleceram um convívio dinâmico com a ecologia local. As águas piscosas do grande rio e de seus afluentes atraem também pescadores esportivos, que todos os anos lá vivenciam suas aventuras na busca pelo pescado perfeito. Trata-se de um extraordinário recanto ambiental: um braço de terra que se debruça por sobre o encontro das águas do Rio Ivinhema com o Rio Paraná. Esta posição estratégica tem sido usada desde os tempos pré-históricos pelos grupos humanos que tiravam proveito da mobilidade canoeira que o Rio Paraná oferecia, como uma grande via hídrica que conectava incontáveis aldeamentos que se desdobravam ao longo de suas margens. Tal característica foi igualmente imperativa para a ação dos colonizadores não indígenas.

Os primeiros grupos humanos a habitar a região foram populações de caçadores e coletores que lá se estabeleceram cerca de dois mil anos atrás. Sabemos um pouco sobre estes povos pelos trabalhos dos arqueólogos que se dedicaram a estudar sítios por conta dos impactos de grandes empreendimentos, como a Usina de Porto Primeva. Os estudos arqueológicos nas margens do Rio Paraná contaram com a contribuição de Francisco Silva Noelli (Paraná), Ruth Künzli (São Paulo) e Emília Kashimoto (Mato Grosso do Sul), entre outros.

Além das aldeias antigas, há vestígios de acampamentos de pesca e caça em ilhas que se formaram no meio do grande rio, belas paragens que formam praias de areia fina. Trata-se verdadeiramente de um lugar muito especial, desde o passado pré-histórico até os dias atuais, sendo visitado por muitos turistas todos os anos.





Mas nosso interesse está nos tempos pré-coloniais. Das escavações arqueológicas empreendidas, emanam “vozes” do passado, que nos sussurram um pouco da história daqueles primeiros habitantes. Entre jarros de cerâmica e pontas de flechas de pedra, vemos “surgir” em meio às camadas de terra, os resquícios de um espaço antigo, outrora habitado por povos nativos que faziam de Porto Caiuá seu lar e local de sustento.

O sítio arqueológico Rio Ivinhema 1 sofreu processos de degradação ao longo do tempo. Ele ocorre em área que outrora fez parte da Fazenda Porto Caiuá, responsável por instalar uma olaria dentro do espaço da antiga aldeia. Nosso trabalho demonstrou que a jazida de argila usada pelos ceramistas tupiguarani, situada na margem do Ivinhema, possuía elevada qualidade, o que pode ter atraído a implantação posterior da olaria. A cascalheira que originalmente serviu aos aldeões pré-coloniais como ponto de coleta de matéria prima e de produção de artefatos de pedra, foi arrasada pela extração de material usado na pavimentação de estradas, ocasionando a perda das evidências da indústria lítica daquele povo. Por fim, com o crescimento do distrito e a chegada de novos ocupantes, terraplenagens foram feitas para a manutenção da estrada. Um novo trecho desta estrada cortou o sítio, removendo a camada mais superficial da área correspondente ao centro da aldeia. Ainda assim, a escavação do sítio trouxe resultados que ultrapassaram em muito o esperado.

Para entender esta história que emana na terra escavada, temos que fazer uso da Arqueologia, ciência sobre a qual falaremos a seguir.



A Arqueologia

A Arqueologia é uma ciência que povoa o imaginário popular, especialmente por conta dos famosos filmes de *Indiana Jones*. Mas caçar relíquias não corresponde ao verdadeiro trabalho do arqueólogo, ainda que tal aura contribua com o glamour da profissão. Expedições a lugares distantes e perigosos, enfrentando condições adversas, as vezes até é parte do ingrediente, mas o arqueólogo passa a maior parte dos seus dias é no laboratório, limpando, catalogando, analisando e interpretando as evidências que coleta durante àquela primeira etapa, denominada “trabalho de campo”. Ou seja, a atividade de campo, além de ser uma parte pequena do labor, as vezes sequer é feita em florestas ou montanhas perdidas, mas sim em pleno centro de uma metrópole, ao escavar um porto colonial ou um mercado do século XVIII.

Dito isso, já percebemos que a arqueologia se divide em duas sub-áreas: a arqueologia histórica e a arqueologia pré-histórica. No nosso caso, o sítio estudado está no limiar das duas, considerando sua idade. Mas como não existem registros escritos sobre as populações pré-coloniais daquele sítio (o Rio Ivinhema 1), estaríamos mais para a pré-histórica. Então, o que é mesmo a arqueologia? De um modo mais didático, podemos dizer que a arqueologia é o estudo do passado. Ainda assim, existem outros campos do conhecimento que estudam o passado. A diferença da arqueologia é que ela estuda o passado pelos “restos materiais”, ou seja, pelos objetos e artefatos que os humanos produziram.





Para acessar estes objetos, o arqueólogo precisa escavar os locais de moradia de povos do passado. A estes locais denominamos “sítios arqueológicos”. E por que os objetos estão enterrados? Quando moramos em um lugar, deixamos marcas de nossa existência: a maneira como mexemos na terra para construir nossas casas, as coisas quebradas que abandonamos, enfim, tudo isso fica para trás. Com o passar do tempo, estas coisas são encobertas por aquilo que chamamos de sedimentos: material que pode ser depositado tanto pelo vento, ao longo dos séculos, ou por outras pessoas que reocupam os mesmos lugares, tempos depois. O arqueólogo então escava estes “sítios arqueológicos” em busca da “cultura material” para investigar a história daqueles povos que lá viveram. Mas atenção: os sítios arqueológicos são locais protegidos por lei e não podem ser escavados por qualquer pessoa, somente por arqueólogos que tenham antes obtido autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Ou seja, mesmo um arqueólogo não pode sair escavando um sítio quando bem entende, ele precisa criar um projeto de pesquisa e pedir autorização. Sem isso, ele cometerá uma infração e será responsabilizado criminalmente.

Nossa tarefa, então, é usar os objetos para contar uma história do passado. Porém, o passado está perdido para sempre e o arqueólogo não consegue viajar no tempo. O que o arqueólogo faz é criar uma interpretação de como as coisas podem ter sido no passado, usando para isso todas as evidências provenientes de um determinado sítio arqueológico. É mesmo um trabalho investigativo, com muitas frentes de trabalho. Além do mais, dependendo das condições do solo, nem todo material é preservado, chegando aos nossos dias. Normalmente, o que encontramos nos sítios arqueológicos são os artefatos de pedra e de cerâmica, mais resistentes. Já os ossos – sejam de animais nos restos de cozinha ou de humanos em sepultamentos – são mais difíceis de preservar. Os objetos feitos em madeira ou tecidos não preservam (exceções acontecem apenas em condições com baixa incidência de oxigênio, como nos terrenos pantanosos, mas é raríssimo de ocorrer).



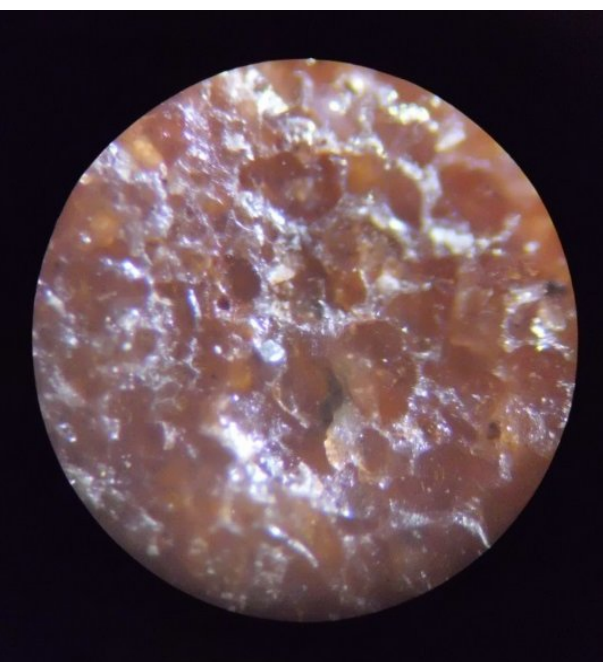
Cromeleque dos Almendres, Évora, Portugal



Arte rupestre da Idade do Bronze, Tanun, Suécia

A arqueologia é uma ciência tão diversa quanto dinâmica. Depende da contribuição de múltiplos campos do saber. Para conseguir estabelecer uma data, usamos isótopos radioativos, como o carbono quatorze e, por isso, dependemos da física. Já a biologia é responsável por identificar os restos de animais, como os ossos encontrados em uma área de cozinha. As ciências médicas ajudam a saber que doenças acometeram as populações do passado. A química também pode identificar outras comidas que fizeram parte da dieta, e assim por diante. Existem preocupações de como era o clima, qual é a geologia e como descrever as demais condições ambientais presentes na região de um determinado sítio arqueológico. Por isso, são muitas as áreas que hoje contribuem para a formação do conhecimento arqueológico.

Quem quer ser arqueólogo no Brasil, pode fazer um curso de graduação em arqueologia, mas não são muitas universidades que oferecem o curso. Atualmente (2023) são 14 cursos presenciais em arqueologia operando em todo o Brasil. Outra opção é fazer um curso que dialogue com a área (vimos que são muitos) e partir para um mestrado e/ou doutorado em arqueologia.



Análise de lítico no microscópio



Casca de Megalobulimus de 4 mil anos descoberto em Alcinópolis

Quem foram os habitantes do sítio Rio Ivinhema 1 em Porto Caiuá?

A arqueologia classifica os achados em grandes chaves, que chamamos de tradições. Artefatos que apresentam semelhanças indicativas de continuidade cultural são classificados dentro de uma tradição. No caso de Porto Caiuá, os achados arqueológicos pertencem à tradição tupiguarani (tupiguarani sem hífen se refere à tradição arqueológica, enquanto que com hífen é usado pela antropologia para tratar de grupo linguístico). São populações produtoras de uma cerâmica muito característica e cujos sítios aparecem em quase todo o Brasil. Ainda assim, existem diferenças regionais, especialmente entre os sítios do litoral em relação aos das terras interioranas, o que levou a formação de subcategorias: guarani no interior e tupi no litoral.

Os povos pertencentes à tradição tupiguarani surgiram na região amazônica há mais de cinco mil anos. Entre três mil e dois mil e quinhentos anos atrás, deu-se início a um processo de separação e migração, com tupi seguindo uma rota migratória e o guarani outra. Especializando-se na mobilidade oferecida pelos rios, estes povos se tornaram exímios canoeiros e se dispersaram por quase todo o território sul-americano.

No caso de Mato Grosso do Sul, a tradição tupiguarani vai aparecer desde o Pantanal até as margens do Rio Paraná. São povos que produzem cerâmicas de variados tamanhos, formatos e decorações, usadas tanto no preparo como na estocagem de alimentos. Em certas ocasiões, os recipientes cerâmicos também são usados para enterrar os mortos. A cerâmica é produzida pela técnica do acordelamento: roletes de argila são sobrepostos sobre uma base ovalada e emendados por alisamento; depois o vaso é colocado sobre uma cama de pedras, recoberto com palhas secas e queimado – o que os arqueólogos chamam de queima oxidante, ou seja, sem uso de forno e na presença de oxigênio.



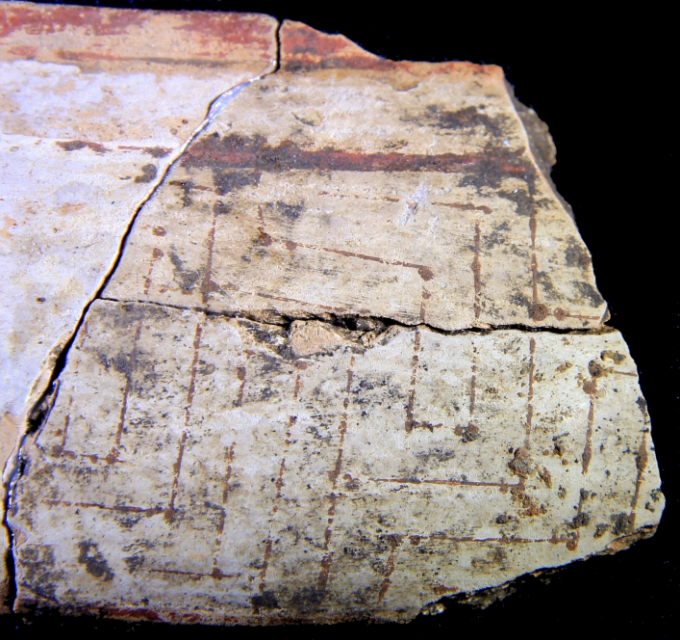
São dois os tipos de decoração da cerâmica: corrugada e pintada. A cerâmica corrugada consiste de uma decoração plástica obtida pela incisão de padrões na parede do recipiente. Já a pintada, oferece um rico repertório de motivos finamente desenhados com a ajuda de delicadas lâminas de taquara. As ocupações tupiguarani chegam a ter 1.400 anos de idade em Mato Grosso do Sul, conforme indicam as pesquisas de Emília Kashimoto e Gilson Rodolfo Martins.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Porto Caiuá pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados, no ano de 2019, revelaram o que pode ser o maior sítio da tradição no estado de Mato Grosso do Sul, com uma área de vinte e quatro mil metros quadrados. Trabalhando na área principal com a abertura de 17 quadrículas de um metro quadrado cada, foi possível revelar uma grande área de cozinha, onde a profusão de fogueiras e de restos de cerâmica ocorreram de maneira extraordinária. Além desta área principal, foram abertas outras menores que ajudaram a entender a dinâmica de ocupação do local.

Usando drones e aparelhos de GPS, foi feito o referenciamento das quadrículas e a delimitação do sítio. O uso de drone também permitiu a elaboração de filmagens e fotografias, melhorando o registro das atividades. Apesar de o sítio ter sido significativamente impactado pelo trânsito de maquinário pesado e por terraplenagem, ainda assim foi possível obter um contexto arqueológico muito significativo. Abundante quantidade de cerâmicas fragmentadas, restos de ossos e conchas de moluscos dispostos em contextos de fogueiras formavam aquela enorme cozinha, revelando um pouco sobre a vida dos povoadores originais.

Escavações em Porto Caiuá, 2019





Exemplo de cerâmica pintada, Porto Caiuá



Restos de cozinha encontrados na escavação de 2019

O diversificado repertório da cerâmica encontrada em Porto Caiuá vai desde pequenos copos, com nove centímetros de diâmetro por nove centímetros de altura e capacidade para, aproximadamente, 250 ml, até os grandes jarros capazes de armazenar dezenas de litros. Muitos recipientes receberam fina decoração pintada, com complicados motivos geométricos. Mas também aparecem os vasos corrugados. O grande ecletismo nos elementos decorativos indica uma área de fusão cultural, onde tupis do litoral podem ter se evadido para as terras interioranas a fim de evitar o contato com o colonizador não indígena, influenciando nas formas e nas decorações da cerâmica daquele lugar.

O teste radiocarbônico apresentou uma data de 460 anos, corroborando a ideia de influência de elementos tupi sobre os ceramistas do interior. Tamanho área de cozinha também sugere que o sítio abrigava um grande número de pessoas, que faziam uso de todas as formas de alimento que a natureza oferecia: desde moluscos a peixes e animais de caça. É como se centenas de fogueiras estivessem sobrepostas, umas como desdobramentos de outras.

Além dos recipientes cerâmicos, havia uma diversificada indústria lítica, com a produção de machados polidos, martelos, pontas de flechas, lâminas e adereços labiais (tembetás). Os machados e os martelos são esperados em se tratando de povos agricultores. A variação na morfologia das pontas de flechas já nos indica que a caça era diversa.

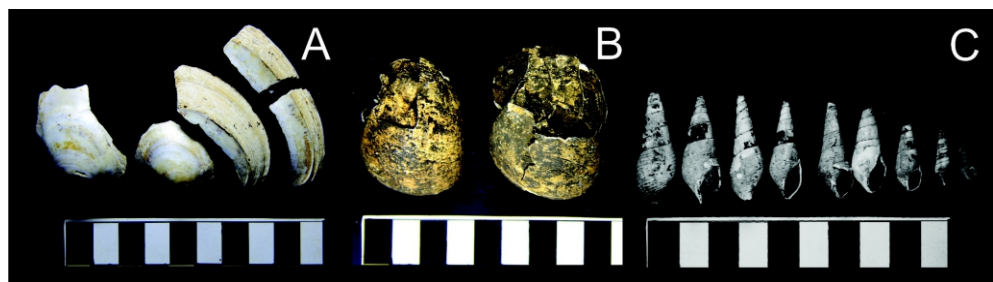


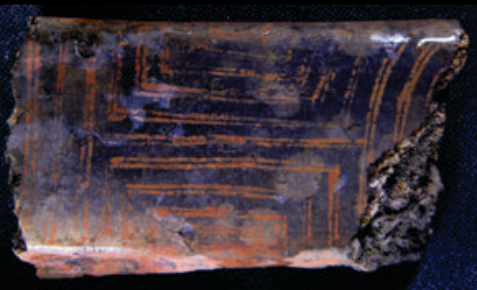
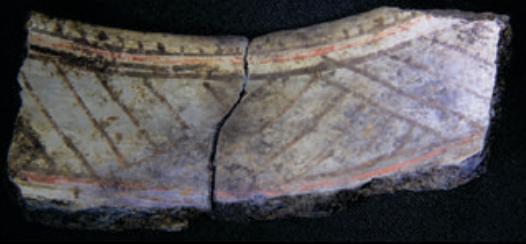
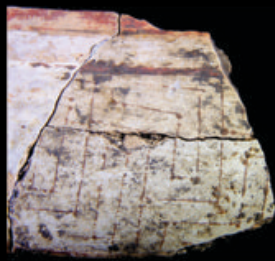
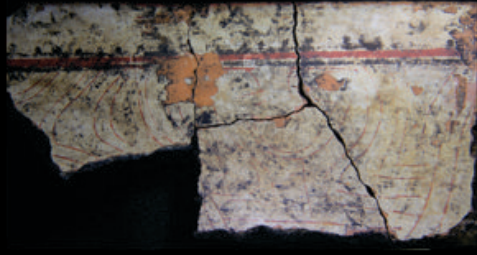
Exemplos de decorações encontradas na cerâmica de Porto Caiuá



Vista aérea da escavação de Porto Caiuá, 2019

Processamento da arqueofauna em Laboratório

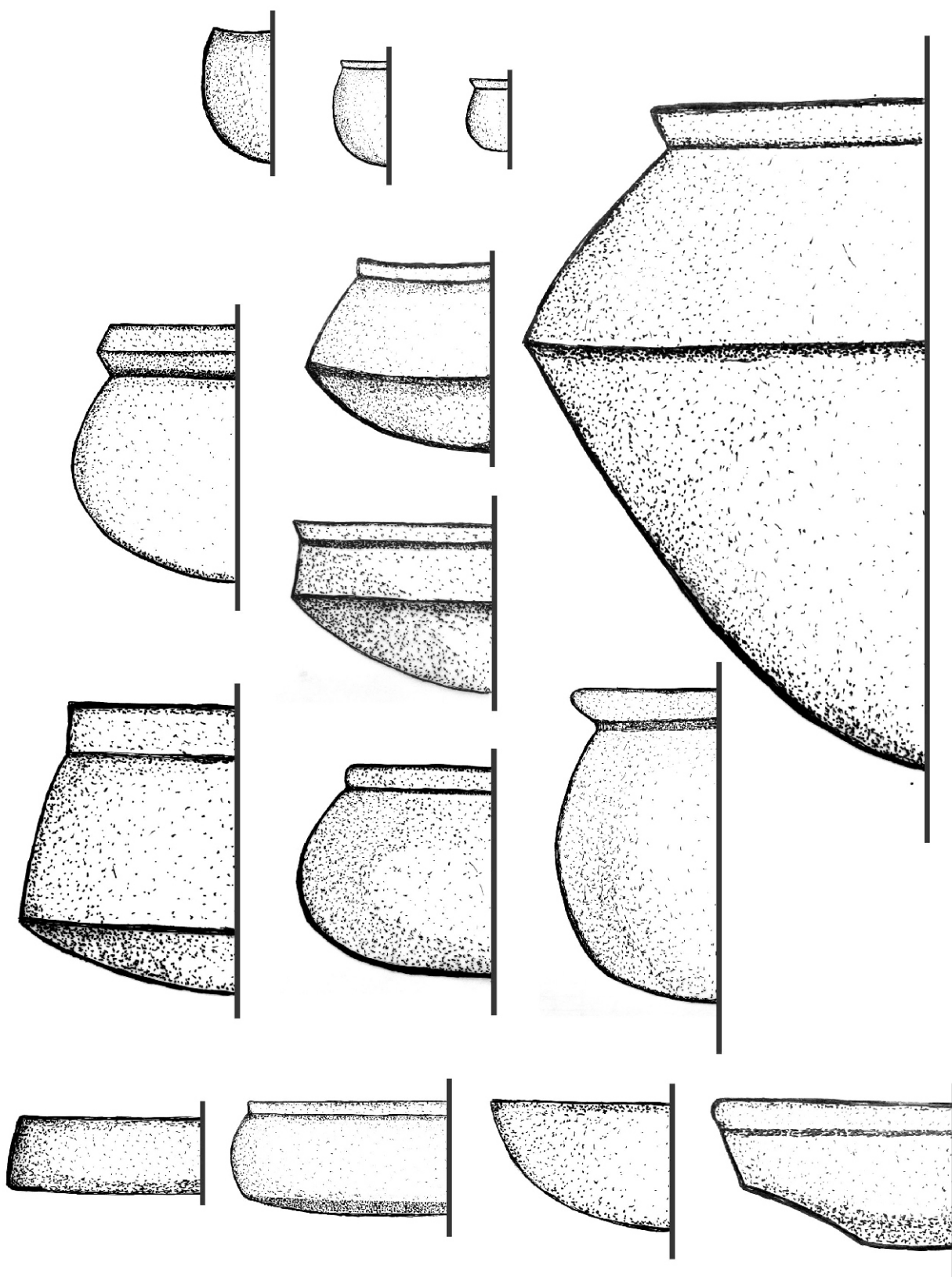




Exemplares de cerâmica pintada, Porto Caiuá.



Exemplares com decoração plástica (corrugada e ungulada), Porto Caiuá.



Principais formatos da cerâmica de Porto Caiuá.

As vozes do passado que ecoam no presente

Ao redor de enormes fogueiras, as famílias se reuniam para a refeição coletiva. Mães e pais ensinavam aos filhos os costumes do povo. Enquanto algumas mulheres fabricavam jarros de argila, as crianças aprendiam com elas os ofícios, moldando pequenos bonecos de barro e diminutas réplicas dos jarros, ainda vacilantes com suas pequenas mãozinhas.

Os mais velhos debatem sobre o território. Estudam o clima, avaliam o rio e constroem o conhecimento coletivo das terras que são, antes de tudo, seu lar e fonte do provento. Todas as técnicas são repassadas à juventude: de caça, de pesca, de construção de casas, de coletas de moluscos e de captação de argila. As canoas são muito bem-talhadas, usando para isso um único e maciço tronco de árvore, herança de um povo canoeiro que foi passada até mesmo a outros povos, chegando aos tempos atuais.

Cada animal, cada planta, monte ou charco, assume um lugar na cultura daquele povo, que cuida de transmitir o conhecimento ao longo de gerações. Muitas mãos produzindo artefatos, muitas famílias unidas pelo afeto, formando alianças com aldeias próximas. As rezas diárias evocam os deuses em dias difíceis, mas também são entoadas como forma de agradecimento ao território por aqueles que, um dia, viveram em Porto Caiuá.

Hoje, deles nos chega apenas os restos materiais enterrados nas areias e no tempo, como o eco de um povo que outrora entoou por aquelas belas paisagens os cantos aprendidos de seus antepassados. Infelizmente, eles não resistiram às empreitadas coloniais e à modernização. Quiçá ainda resista entre os atuais povos indígenas, um ou outro descendente daquelas famílias ancestrais. Mas isso é difícil saber.

Pelas pás dos arqueólogos, seus restos de cozinhas e suas panelas quebradas nos sussurram histórias. Que nos fique claro que esta história não se restringe a artefatos quebrados e enterrados, mas se converte em vozes que nos contam a vida das famílias que ali viviam unidas pelo afeto e pela tradição. A arqueologia não é só sobre objetos, é sobre pessoas. São as vozes do passado que ecoam pelas janelas dos séculos e nos ensinam, hoje, sobre àquela gente de ontem. A estes povos do passado, dedicamos todo o nosso respeito e admiração.

Algumas referências

AGUIAR, R. L. S. (2020). A ocorrência do caramujo terrestre *Megalobulimus* em um sítio arqueológico de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Scientiae et Technicae*, vol. 8, n. 1, pp. 73-82.

AGUIAR, R. L. S. (2016) Templo dos Pilares, Alcinópolis. Dourados: Laboratório de Arqueologia da UFGD.

AGUIAR, R. L. S. (2015). Pessoas, objetos tempo e espaço: reflexões acerca das relações entre arte rupestre e ocupação do espaço ambiental na pré-história. Artigo de pós-doutorado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

AGUIAR, R. L. S. (2013). Arqueologia e história indígena no litoral de Santa Catarina. Florianópolis: Garapuvu.

AGUIAR, R. L. S.; SOUZA, J. C., RIBEIRO, A. F. N. (2021). A escavação do sítio arqueológico Rio Ivinhema 1 e sua contribuição para o estudo da Tradição Tupiguarani em Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista Indiana*, vol. 38, n.1. p. 257-279.

ANDRADE DE LIMA, T. (2010). Os ceramistas tupiguarani, estes ilustres desconhecidos. In: André Prous e Tania Andrade de Lima, *Os ceramistas tupiguarani*, vol 3, Eixos Temáticos. Belo Horizonte: IPHAN, pp. 173-207.

BANNING, E. B. (2002). *The Archaeologist's Laboratory. The Analysis of Archaeological Data*. New York: Kluwer Academic Publishers.

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E. & Francisco Silva NOELI, F. S. (2015). A model for the Guaraní expansion in the La Plata basin and Littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International* 356: 54-73. <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>.

BROCHADO, J. P. (1973). Migraciones que difundieron la tradición alfarera tupiguarani. *Relaciones de La Sociedad Argentina de Antropología*, v. 7, pp. 7-39.

BROCHADO, J. P. (1980). A tradição cerâmica tupiguarani na América do Sul. *Clio Revista de Pesquisa Histórica*, vol. 3, n. 1, pp. 47-60.

CABEZA DE VACA, A. N. (1987). *Naufrágios e comentários*. Porto Alegre: L&PM.

CABEZA DE VACA, A. N. ([1555]1906). *Relación de los naufragios y comentarios de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, adelantado y gobernador del Río de la Plata*. Madri: Librería General de Victoriano Suárez. (acesso via Biblioteca Digital Hispanica: [www.http://bdh.bne.es/](http://bdh.bne.es/)).

CÉSAR, José Vicente (1974). *Igaçabas, as Urnas Funerárias dos Tupi-Guaranis*. Informativo FUNAI. Ano 3, Nº 11/12. Brasília: Ministério do Interior, 1974.

CHMYZ, Igor (1966). *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Manuais de Arqueologia Nº 1. Curitiba: Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná.

CHMYZ, I. (2010). Modelagens cerâmicas em sítios tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. In: André Prous e Tania Andrade de Lima (org.), *Os Ceramistas tupiguarani*, vol. 2, Elementos Decorativos. Belo Horizonte: IPHAN, pp. 81-104.

COSTA, G. S.; CASTRO, V. M. C. & MEDEIROS, R. P. (2018). A Iconografia cerâmica como marcador Identitário dos Grupos Pré-Históricos Tupiguarani em Pernambuco. *FUNDHAMENTOS*, vol. XV, nº 1, pp. 141-180.

DREWETT, P. L. (1999). *Field Archaeology*. Londres: UCL Press

FERNANDES, Florestan (1963). *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

FRANÇA, A. C.; ZANIN, R. A.; GANZAROLLI, L. M.; SILVA, C. E. B. & MESSIAS, F. F. (2019) Sítio Rio Ivinhema 1 (VN1) - Naviraí-MS: A arqueologia no contexto regional do planejamento municipal. *Anais do III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação*. Naviraí: UFMS, pp. 1-11. (Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/7145>).

GAMBLE, C. (2001). *Archaeology: the basics*. Londres: Routledge.

HAUBERT, M. (1991). *Índios y jesuitas en las Misiones del Paraguay*. Madrid: Ed. Temas de Hoy.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G. & PETERSEN, J. B. (1998) De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na amazônia central. *Revista de Antropologia* vol. 41, no. 1, p. 69-96. <https://doi.org/10.1590/S0034-77011998000100003>.

INIZAN, Marie-Louise; REDURON-BALLINGER, M.; ROCHE, H. & TIXIER, J. (2017). *Tecnologia da Pedra Lascada*. Belo Horizonte: Museu de História Natural da UFMG.

IRIARTE, J. et al. (2017) Out of Amazonia: Late-Holocene climate change and the Tupi-Guarani trans-continental expansion. *The Holocene*, vol. 27, no. 7, p. 967-975. <https://doi.org/10.1177/0959683616678461>.

KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. (2019) Catálogo de artefatos cerâmicos arqueológicos de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

KASHIMOTO, E. M. & MATINS, G. R. (2008). A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: André Prous. *Os ceramistas tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, pp. 149-178.

KASHIMOTO, E. M. & MATINS, G. R. (1999). Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS – etapa de resgate. Relatório ao IPHAN, síntese preliminar dos trabalhos realizados. Campo Grande: FAPEC/CESP.

LA SAVIA, F. & BROCHADO, J. P. (1989). *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.

LANDA, B. S. (2005). *Os Nandeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Porto Lindo/Jacarey, Município de Japorã/MS*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

LOTHROP, S. K. (1946). Indians of the Paraná Delta and La Plata Littoral. In: *Handbook of South American Indians*, Vol. 1 – The Marginal Tribes. Washington: United States Government Printing Office, p. 177-190

MATINS, G. R. (2014). Arqueologia Preventiva: prospecção arqueológica no sítio Rio Ivinhema 1, em Naviraí/MS – Área projetada para implantação do Distrito de Porto Caiuá. Relatório Final de Projeto. Campo Grande: FAPEC.

MEGGERS, B. (1975). Application of the biological model of diversification of cultural distributions in tropical lowland South America. *Biotropica*, v. 7, n. 3, p. 141-161.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford (1958). Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. Rio de Janeiro: Separata dos Arquivos do Museu Nacional, vol. XLVI, pg. 09-33.

MELIÁ, Bartolomeu (1992) *La Lengua Guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE.

MELIÁ, Bartolomeu (2000) *Tiempo y tradición en la cultura guaraní*. Revista Acción N° 205, julio de 2000, p. 31-34.

METRAUX, Alfred (1948). The Guaraní in Handbook of South American Indian 3 – The Tropical Forest Tribes. Washington: Government Printing Office, p. 69-94.

NEVES, W. A.; BERNARDO, D. V.; OKUMURA, M.; ALMEIDA, T. F. & STRAUSS, A. M. (2011). Origem e dispersão dos tupiguarani: o que diz a morfologia craniana? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 95-122

NOELLI, Francisco Silva (2001). A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *Revista USP* No. 44, “Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II. São Paulo: USP CCS. pp. 218-269.

PARELLADA, C. I. (2013). Arqueologia do vale do rio Piquiri, Paraná: paisagens, memórias e transformações. *Revista Memore*, 1(1), 24-42.

PEIXOTO, J. L. S. (1998). Populações Indígenas de Tradição Tupiguarani no Pantanal Sul-MatoGrossense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (8), 71-86.

PIAZZA, Walter A. (1965). O Sítio Arqueológico do Rio Tavares. São Paulo: Separata da Revista Dédalo N° 2.

POLITIS, G. G. (2010). Aplicaciones de la etnoarqueologia para interpretar el registro arqueológico de los cazadores-recolectores del pasado. Tres ejemplos de America del Sur. In: Aguiar et al. *Arqueologia, Etnologia e Etnohistória de Iberoamérica*. Dourados: EdUFGD.

PROUS, A. (2009). A pintura tupiguarani em cerâmica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 8, pp. 11-20.

PROUS, A. (1992). *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB.

RAMOS, A. (1943). *Introdução à Antropologia Brasileira*. Vol 1. Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante Brasileiro.

SCATAMACCHIA, M. C. M. (2004). Proposta de terminologia para a descrição e classificação da cerâmica arqueológica dos grupos pertencentes à família lingüística tupi-guarani. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, vol. 14, pp. 291-307.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (1959) A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina. Pesquisas N. 3. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (1991) Migrantes da Amazônia: a tradição Tupi-guarani. In KERN, Arno (Org.) "Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul". Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 295-330.

SCHMITZ, P. I. (2010). A decoração plástica na cerâmica da tradição tupiguarani. In: André Prous e Tania Andrade de Lima (org.), Os Ceramistas tupiguarani, vol. 2, Elementos Decorativos. Belo Horizonte: IPHAN, pp. 07-26.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V. & ROSA, A. O. (2001). Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul - Projeto Corumbá. Tellus, vol. 1, nº1, pp. 11-26.

SEMENOV, S. A. (1973). Prehistoric Technology. Bath: Adams & Dart.

SILVA, S. B. (1988). O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupi-guarani. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRS

SOARES, André L. R. (1997). Guarani: organização social e arqueologia. Porto Alegre: Edipucrs

STADEN, Hans (1988). Duas Viagens ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia

STEWART, J. (1946). Handbook of South American Indians. Washington: United States Government Printing Office.

URBAN, Greg (1998). A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. in CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.) "História dos Índios do Brasil". São Paulo: Companhia das Letras, p. 87-102.